

A (c)idade maior — para uma sociologia da velhice na cidade de Lisboa*

Paulo Machado**

Resumo: O autor desenvolve uma abordagem sociológica do envelhecimento demográfico da Cidade de Lisboa, procurando, com recurso a uma tipologia assente em indicadores sócio-demográficos, discernir sobre as diferenças existentes ao nível de freguesia. **A ecologia social do envelhecimento urbano** revela um mosaico diferenciado mas com dois grandes patamares: um mais central, acentuadamente envelhecido, correspondente ao que se poderia designar por *zona antiga da cidade* mas que se estende já hoje até às freguesias do Campo Grande e S. João de Brito; e um outro, menos envelhecido, geograficamente mais periférico e demograficamente menos homogéneo.

1. Envelhecimento: da questão demográfica à questão social e sociológica

O envelhecimento demográfico das sociedades industrializadas Ocidentais constitui um facto iniludível, cujas consequências em toda a estrutura social não devem ser desprezadas. Este fenómeno demográfico traduz-se pelo aumento absoluto e relativo dos indivíduos considerados idosos, geralmente colocando-se para este efeito de classificação a fasquia nos 65 anos de idade¹. Não há, de todo, uma conformidade de pontos de vista científicos nem de senso-comum (i.e., uma unicidade na representação social) quanto à idade cronológica que socialmente determina a passagem da condição de *adulto* à de *idoso*.

Todavia, a diferença de significação social total (no sentido maussiano) repercutida nos indivíduos que atingem a “terceira idade” é enorme. A generalização da idade mínima para a reforma por velhice aos 65 anos, recentemente alargada também às mulheres (que até aqui gozavam do privilégio de “envelhecerem” mais cedo, com 62 anos de idade), cria uma

* O autor agradece a preciosa colaboração dos colegas João Lutas Craveiro e Rui Alves no trabalho estatístico e na revisão da primeira versão do artigo.

** Sociólogo. Grupo de Ecologia Social/LNEC.

ruptura no ciclo de vida individual em termos dos patamares etários a que agora aludimos. Procurando muito sinteticamente ilustrar esta homogeneização da condição social de *idoso=inactivo=dependente*, e não sendo necessário recuar mais do que duas décadas, note-se o decréscimo da taxa de actividade na população masculina com mais de 60 anos, quer em Portugal, quer na cidade de Lisboa.

Gráfico 1: Taxas de actividade masculina, segundo o grupo etário, residente em Portugal

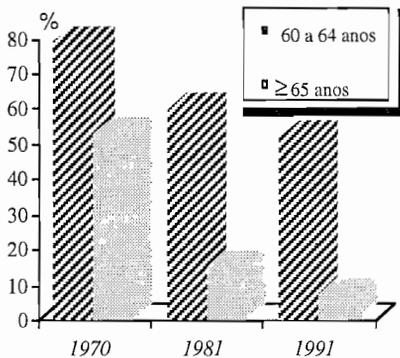
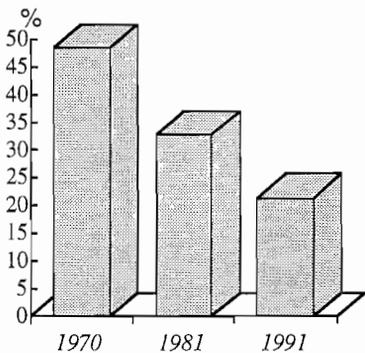


Gráfico 2: Taxas de actividade masculina, de 60 anos, residente na cidade de Lisboa

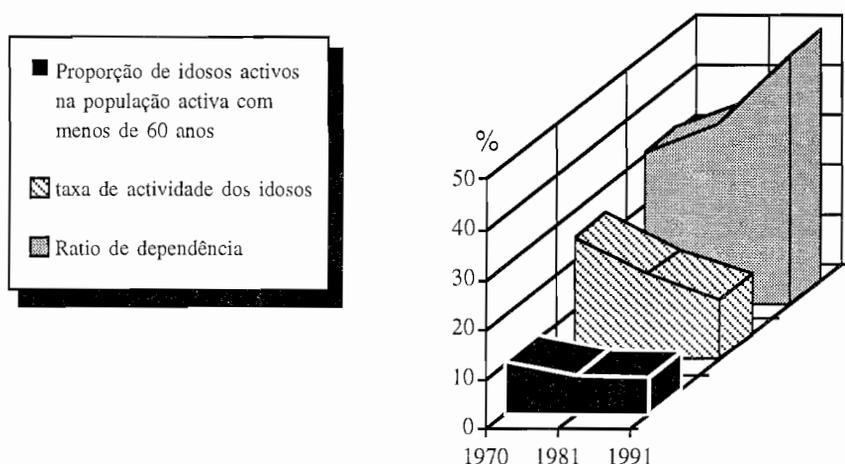


Fonte: dados primários retirados de INE, *Recenseamentos da População* (1970, 1981, 1991)

Esta ilustração não é, de todo, equivalente a uma adesão ao discurso apocalíptico da insolvência do sistema de solidariedade intergeracional instituído nas sociedades modernas, comumente designado por Segurança Social, nem tão-pouco se poderá, desde logo, concluir que essa tripla equivalência redunde inexoravelmente numa quarta, respeitando ao agravamento das condições de vida dos idosos, se bem que convirá sempre distinguir a natureza da dependência enquanto expressão do ciclo de vida que precede a velhice (i.e., importa precisar quando nos referimos a *pensionistas activos* pertencentes aos regimes contributivos, a *pensionistas inactivos*, beneficiários de regimes não contributivos de protecção social e equiparados, ou mesmo a beneficiários de prestações complementares). Em princípio, a transição da fase de vida activa (com actividade económica) para a fase inactiva (aposentação ou reforma) acarreta uma perda, mais ou menos significativa, de rendimentos², e é neste contexto que poderemos falar no aumento da vulnerabilidade à diminuição de qualidade de vida.

Relativamente à inviabilidade dos sistemas de segurança social, ouviu-se com frequência dizer que o fenómeno de envelhecimento da população compromete o equilíbrio activos/não activos idosos, como demonstra a evolução dos *ratios* de dependência nas últimas décadas. Em termos nacionais, esta relação numérica entre gerações conheceu uma variação assaz significativa, com um aumento do número de pessoas idosas a cargo da população activa. Calcularam-se para a cidade de Lisboa os valores de três indicadores demo-económicos que ilustram a tendência para a diminuição nas últimas duas décadas da proporção de activos idosos na *população com actividade económica*. Essa diminuição, embora ligeiramente superior à média nacional, não tem significado estatístico ($\chi^2 = 2.8$; n.s.).

Gráfico 3: Indicadores demo-económicos da população idosa (≥ 60 anos), ambos os sexos, da cidade de Lisboa³



Fonte: dados primários retirados de INE. *Recenseamentos da População* (1970. 1981. 1991)

Nota: Este ratio de dependência, também designado por coeficiente de carga, exprime a relação entre a população idosa sem actividade económica e o total da população com actividade económica, o que permite corrigir as distorções que o critério demográfico, tomado isoladamente, normalmente provoca. Não foi aqui considerada a população jovem.

Não esquecendo uma dinâmica demográfica que nos trará um País com cerca de 2 milhões de idosos no ano 2020 (Nazareth, 1993) — as pessoas com mais de 65 anos seriam, em 1991, cerca de 1 milhão e 350 mil —, há, todavia, que ter presente que em 1992 dispenderam-se⁴:

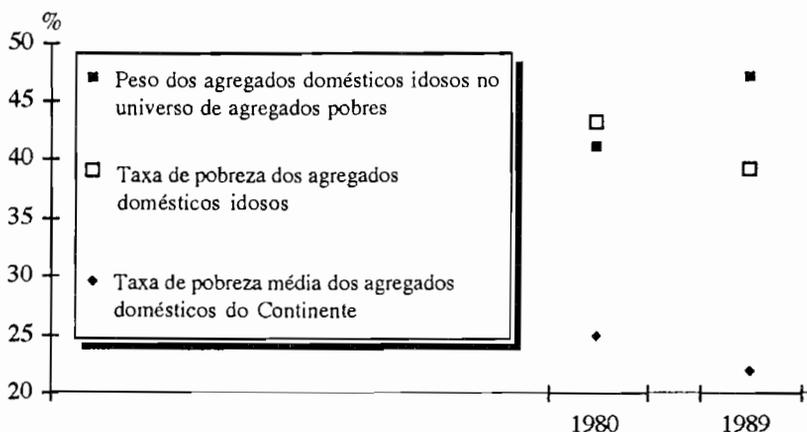
- Através da *prestação de protecção social* designada por *velhice*, 489.7 contos por habitante com mais de 65 anos, **mas** 91.4% dos

pensionistas de invalidez e 91.1% dos pensionistas do *regime geral* ainda tinham pensões inferiores ao salário mínimo nacional, e os pensionistas do *regime geral das actividades agrícolas* tinham uma pensão média de 20.400\$00 mensais!;

- 19% do PIB em despesas correntes de Protecção Social, o que equivale à soma de 2300 milhões de contos, **mas a despesa de protecção social por habitante** (em poder de compra *standard*) é a mais baixa da União Europeia, ficando por 41% da média europeia, e que apenas 31.7% dessa despesa respeitou à função *velhice* (ver nota 2), tanto quanto se gastou com a *doença*.

Estes valores não nos poderão deixar indiferentes, dado que demonstram a debilidade do apoio formal à população idosa portuguesa. Alguma investigação sociológica tem evidenciado, justamente, a privação relativa e absoluta dos mais velhos na nossa sociedade, o acúmulo de condições de vulnerabilidade e a persistência da pobreza que caracteriza a sua condição social, constituindo-se como uma das categorias sociais mais desfavorecidas (Perista, 1989; Ferreira de Almeida *et al.*, 1992; Bruto da Costa, 1993). As condições e domínios de vulnerabilidade não são atributos específicos da *idade*, dado que alguns deles, na generalidade dos casos, pré-existem à etapa idosa da vida, quando não a aceleram, mas expressam-se, no caso português, com veemência.

Gráfico 4: Evolução das taxas de pobreza dos agregados domésticos idosos em Portugal, e sua distância relativa face à taxa de pobreza da população portuguesa (valor médio)



Fonte: representação gráfica elaborada a partir dos dados apresentados por Bruto da Costa, Alfredo (1993), página 101

Nota: A linha de pobreza considerada é estabelecida a 50% da despesa média nacional.

Figura 1: Esquematisação dos domínios de vulnerabilidade da população idosa



Nota: o conceito de modo de vida restrito é aqui empregue com o significado que lhe atribui Ferreira de Almeida *et al.* (1992). As setas e a sua direcção exprimem uma determinação

A ênfase que vimos de dar ao *económico* e ao *político*, na parte introdutória deste artigo, é intencional e tem por objectivo marcar o posicionamento, que julgamos mais adequado, a uma leitura sociológica do fenómeno social do envelhecimento das estruturas populacionais entendidas como estruturas sociais. Com efeito, vivemos hoje muito intensamente a necessidade de uma clarificação de abordagem neste domínio, e o seu interesse não se restringe, de forma alguma, a dar a conhecer uma filiação teórica ou uma simpatia sub-disciplinar específica. Pelo contrário, está em discussão o que se deve entender pelo estudo das sociedades e dos sistemas sociais e como se deve proceder em conformidade com esse entendimento (Namboodiri, 1988). Fica pois em aberto a que paradigma(s) recorrer na abordagem do envelhecimento das estruturas populacionais, adiantando desde logo a nossa preferência por uma solução transdisciplinar assente em quatro grandes pilares: sociologia, demografia, economia e ecologia humana.

Tomando como âmago da análise sociológica (*the core of sociology*, cfr. Namboodiri, 1988) quer o estudo da interdependência dentro de uma organização social, quer o estudo das interdependências entre organizações sociais, é fácil entender o efeito recíproco da dinâmica demográfica na organização social, e daí resultará por certo o desenvolvimento de um perfil analítico que considere a dinâmica populacional (valência demo-

gráfica), a sua repercussão nas organizações sociais (valência sociológica), o meio ambiente biofísico e social (valência ecológica humana) e da produção económica e distribuição da riqueza em cada momento (valência económica). Sociologicamente, o produto da dinâmica social geradora do modo de vida da velhice não se pode dissociar da estrutura social, e das posições que cada grupo ocupa nessa estrutura (Eisenstadt, 1956). O Estado, como bem demonstrou Guillemard (1986), tem nas sociedades contemporâneas Ocidentais um papel mais do que supletivo ou arbitral, e em larga medida a dinâmica social da produção de uma política do modo de vida da velhice reflecte o modo de acção do próprio Estado sobre a sociedade. Poderemos, assim, equacionar o modo de vida da população idosa, interpretando-o como a expressão do significado que cada sociedade atribui, em cada momento da sua trajectória, aos elementos estruturadores desse modo de vida.

Treas e Passuth (1988) propõem-nos uma classificação das questões sociológicas sobre o envelhecimento das sociedades assente em três grandes tradições, que não se excluem reciprocamente, antes se complementam, em nosso entender. Teríamos, por um lado, uma **sociologia da idade** (*sociology of age*) centrada no estudo da idade como um princípio organizativo da sociedade. Esta tradição assenta numa perspectiva essencialmente macro-estrutural e concede à estrutura etária o estatuto de característica importante das sociedades, das instituições e dos grupos, “com implicações para o metabolismo social e funcionamento do grupo (...) Para esta perspectiva importa conhecer as implicações das coortes na estrutura, organização e funcionamento da sociedade e das suas instituições” (p. 394; p. 401). A tradição da sociologia do envelhecimento (*sociology of aging*) radica numa perspectiva mais microsocial, já que os trabalhos de pesquisa que se podem classificar sob esta designação privilegiam a adaptação dos indivíduos às transições ocorridas ao longo do ciclo de vida. Trata-se do terreno de excelência da gerontologia social. De um ponto de vista sociológico, as transições que importa estudar são as socialmente criadas, reconhecidas e partilhadas, i.e., socialmente produzidas. As autoras referem ainda uma terceira tradição: **a sociologia da velhice** (*sociology of the aged*). Aqui pontifica sobretudo uma orientação que radica na perspectiva da velhice como problema social, cujo primeiro, e polémico, contributo teórico podemos encontrar em Cumming e Henry (1961) e na sua teoria sociológica sobre a desparticipação social (*disengagement theory*). Há nesta tradição sociológica uma preocupação simultaneamente micro e macro-social, no primeiro caso enfatizando questões como a satisfação individual dos idosos e o perfil das suas interacções sociais, e, no segundo caso, procurando discernir sobre o que

se entende pela relação inversa entre o estatuto social do idoso e a modernização da sociedade. A vocação bastante empiricista e eclética que esta tradição da sociologia da velhice tem vindo a assumir confere-lhe, a nosso ver, o seu maior grau de popularidade entre as três tradições apresentadas por Treas e Passuth.

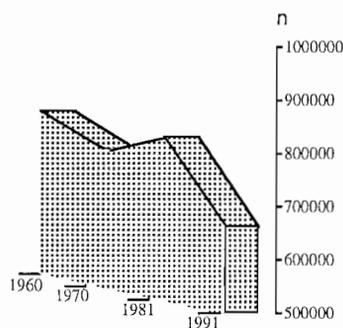
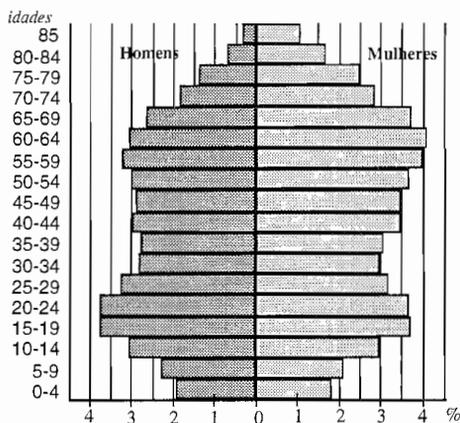
Todas estas perspectivas, estas maneiras de ver o fenómeno *social* do envelhecimento das sociedades nos interessam sobremaneira na abordagem da velhice num contexto urbano como é Lisboa. A produção social do conceito de velhice em meio urbano tem vindo a sofrer, entre nós, uma aceleração muito grande, de que o Ano Europeu dos Idosos e da Solidariedade entre Gerações, decorrido em 1993, é um dos testemunhos recentes⁵. Essa produção social tem suscitado uma intervenção crescente dos cientistas sociais, nomeadamente de sociólogos, para o que se entende serem os desafios do envelhecimento na cidade⁶. Em larga medida, estamos em crer, essa produção social tem também resultado do contributo da comunidade dos sociólogos que vêm trabalhando neste domínio, difundindo uma nova problemática (sociológica) que respeita à inserção das pessoas idosas, à reflexão sobre a redução dos seus papéis sociais, à caracterização do seu modo de vida. Não é fácil separar a constituição do objecto científico sociológico de algo já socialmente construído, instituído, sobre a velhice, nomeadamente por parte dos outros agentes presentes no terreno. Lenoir (1989) é esclarecedor quanto aos perigos que podem decorrer desta participação conjunta, mas há um vasto domínio de produção científica, no sentido de clarificar a realidade social, para o qual se exige, ao contrário de uma postura de reserva, um investimento cada vez maior.

O objectivo deste artigo consiste na apresentação de alguns dos resultados da análise sobre a realidade morfológica social que temos vindo a efectuar no âmbito de uma linha de investigação em curso no LNEC e que tem por título genérico a *ecologia social do envelhecimento e da velhice em meio urbano*. Como acabámos de afirmar, o conhecimento do fenómeno do envelhecimento pode assumir diversos figurinos, de acordo com a tradição que se privilegie. Pela nossa parte, o ecletismo da abordagem significa neste texto a consideração das transformações da dinâmica demográfica no quadro ecológico social em que essa dinâmica ocorre, e a reflexão sobre as respostas organizadas (leia-se “formais”) dos agentes sociais em presença na cidade. Sobre o impacte desta dinâmica demográfica nas respostas sociais informais (leia-se “nas redes sociais informais protagonizadas pela instituição familiar e pelas matrizes vicinária e de amizade”) encontramos-nos em trabalho empírico, pelo que a apresentação de alguns dados seria nesta fase prematura. A perspectiva geral que

enforma o projecto de investigação sugere ainda o equacionamento da interdependência entre, por um lado, o meio físico e social, e, por outro, as condições de vida da população idosa e respectivas expressões comportamentais, através de uma leitura que poderemos designar por **transaccional** (Moore, 1986). Herdando uma visão fenomenológica, a principal característica desta perspectiva radica no postulado da impossibilidade de definir separadamente quer o ambiente físico e social (E), quer os indivíduos e os seus grupos de pertença (P), constituindo-se ambos como uma unidade de análise singular (PE). E daí a importância que julgamos ser de atribuir, designadamente, às condições habitacionais da população idosa e, mais genericamente, ao seu *habitat*, cuja diversidade numa cidade como Lisboa é por demais evidente.

2. A transformação do território urbano e o envelhecimento demográfico

De acordo com Matias Ferreira (1987) a abordagem histórica e sócio-urbanística dos processos de organização territorial e de desenvolvimento urbano de Lisboa permitiu definir, para os últimos cem anos, três grandes momentos de mudança: *a ruptura urbanística a norte da cidade* (entre 1850 e 1920), proporcionadora de um modo de urbanização centrífugo, anunciando o que mais tarde seriam os principais eixos de desenvolvimento da Cidade e da periferia; *o processo de estruturação urbana radiocêntrica* (anos 30 e 40) que acentuou a diferenciação sócio-urbanística de Lisboa; e *a formação da malha urbano-metropolitana* (anos 60 a 80) com o desenvolvimento da concentração suburbana e a emergência da área metropolitana. Convém reter estes três grandes ciclos do desenvolvimento urbano de Lisboa, dado que apenas aos dois primeiros corresponde um adensamento do volume populacional⁷, aos quais se sucederá uma transformação demográfica estrutural conducente a um envelhecimento da Cidade. Num contexto de normalidade demográfica, uma população que não cresce tende a envelhecer (Sauvy, 1976), e essa tendência agravar-se-á se existir um movimento migratório centrífugo etariamente selectivo, principalmente de população jovem em idade fecunda, como aconteceu na história demográfica da Cidade nas últimas décadas. De notar que a partir de 1960, Lisboa conhecerá, sucessivamente, diminuição de população, ligeiro crescimento, e de novo declínio, como se torna claro pela observação do Gráfico 5.

Gráfico 5: População da cidade de Lisboa nas últimas três décadas**Gráfico 6:** Pirâmide etária da cidade de Lisboa em 1991

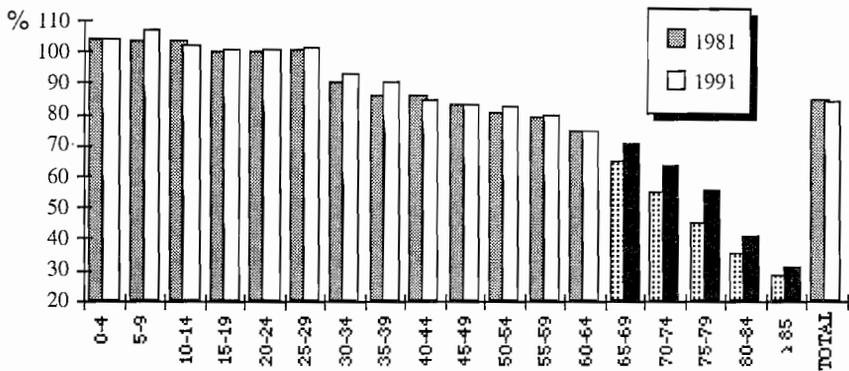
Fonte: dados provenientes dos Recenseamentos, INE

A transformação demográfica da cidade de Lisboa que marca o processo de envelhecimento da sua estrutura decorre, assim, do efeito combinado do declínio da fecundidade e dos movimentos migratórios para o exterior (sobretudo para a área metropolitana). O apuramento do saldo fisiológico para Lisboa demonstra que a Cidade entrou em implusão logo no início da década de 80 (Santos e Cruz, 1990), fenómeno que se fica a dever, sobretudo, ao “exílio” das populações mais jovens em idade fecunda, dado que nos restantes concelhos da área metropolitana o saldo fisiológico, não obstante a diminuição da descendência média, manteve-se positivo. Estas transformações não são inéditas no cenário urbano europeu e definem o processo de recomposição de volume e de estrutura que algumas das cidades mais antigas estão a sofrer.

Comparativamente com a conjunturalidade demográfica de 1980, o início da década de 90 apresenta o agravamento das tendências que se vinham afirmando desde há três décadas e que se reflecte no perfil da pirâmide sexo-etária da população residente em Lisboa em 1991 (cfr. Gráfico 6): uma diminuição muito expressiva das coortes nascidas depois de 1977; um empolamento da população adolescente e jovem adulta resultante da atracção da actividade estudantil em Lisboa; uma tendência para uma contracção da população activa jovem (entre 30 e 40 anos de idade); um alargamento progressivo do peso relativo das gerações com mais idade, culminando com uma “explosão” de população idosa; por

último, uma diminuição do desequilíbrio entre sexo masculino e feminino nas idades mais avançadas (cfr. Gráfico 7). Em termos do perfil da pirâmide, visualiza-se uma estrutura do tipo “urna”, ligeiramente atenuada pela importância das idades entre os 15 e os 24 anos.

Gráfico 7: Relações de masculinidade por grupos etários da população de Lisboa em 1981 e 1991

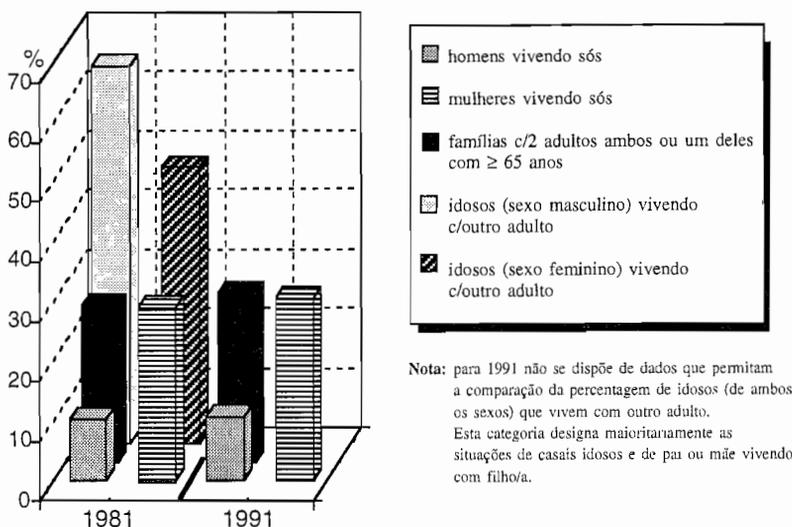


Fonte: dados provenientes dos Recenseamentos, INE

Em síntese, a recomposição demográfica da cidade de Lisboa registada nas últimas três décadas traduziu-se na diminuição do peso relativo de dois grandes grupos funcionais (Jovens e Activos), e pelo aumento do peso da população idosa. Em termos de distribuição populacional assiste-se a um afastamento geracional (que se pode exprimir numericamente pela análise do número absoluto de indivíduos, segundo as idades, por concelho de residência) que tem, seguramente, uma ressonância em termos de afastamento geracional familiar. Também este afastamento pode com algum rigor ser medido indirectamente pelo número de indivíduos, segundo as idades, residentes noutros concelhos mas com residência anterior em Lisboa, ou pelo número de indivíduos idosos vivendo só.

A evolução na última década (cfr. Gráfico 8) reforça a distância relativa entre duas importantes estruturas-tipo de agregado doméstico das gerações idosas residentes em Lisboa.

Gráfico 8: População idosa residente em Lisboa segundo a composição do agregado doméstico. Comparação entre 1981 e 1991



Fonte: dados provenientes dos Recenseamentos, INE

Essas duas realidades vividas respeitam ao isolamento e à coabitação com outro idoso. Com efeito, verifica-se existir uma significativa diferença ($\chi^2 = 55,1$; g.l.=2; $p < .001$), desfavorável ao sexo feminino, quanto à percentagem de indivíduos que vivem sós, mais visível ainda na análise sincrónica entre 1981 e 1991. O somatório das duas grandes estruturas-tipo de agregado doméstico (isolados e acompanhados por outro adulto, normalmente um idoso) — ao qual haveria ainda que acrescentar a percentagem dos que vivem em instituições — deixa uma percentagem relativamente baixa de idosos vivendo em famílias multi-geracionais (com filhos e netos). Por outro lado, a percentagem do número de famílias com dois adultos, ou um deles, com idade superior a 65 anos (cfr. ainda Gráfico 8), que se situa para 1981 em 26% e para 1991 em 27,9%, reforça a importância da descontinuidade familiar associada à idade, implicando uma recomposição do núcleo familiar que se contrai, conduzindo ao isolamento nas formas de habitar dos mais idosos.

Este “isolamento estatístico” poderá não ter uma real correspondência com o que poderíamos definir como isolamento social, dado que as características do *habitat* urbano, no qual se encontram as mais elevadas percentagens de idosos vivendo sós, podem minimizar os custos desta situação, nomeadamente quando as redes vicinárias de suporte social

têm electividade. Por outro lado, as práticas sociais de interacção geracional podem fazer desprezar a distância, e funcionarem como actuanes redes de suporte social para com os mais velhos, como demonstrou Pitrou (1978). Uma outra consideração, a não desprezar, refere-se à diferença de projecto intergeracional, nomeadamente no que a essa diferença disser respeito à transmissão patrimonial habitacional, prática frequente entre as categorias sociais proprietárias de alojamento próprio. Nestes casos, a permanência das gerações herdeiras durante um período mais longo em casa dos pais, ou simplesmente a continuação destes na sua casa até à morte, pode querer significar um acréscimo do valor patrimonial que é a casa de família; valor simbólico e material.

Todavia, qualquer uma destas hipóteses, cuja verificação continua por fazer através de estudos empíricos sistemáticos sobre relacionamento intergeracional em meio urbano, não nega a existência de uma segregação demográfica acentuada dentro de Lisboa e entre a Cidade e a sua periferia inter-urbana. A segregação demográfica é aqui entendida como a desigual repartição dos diferentes grupos sexo-etários no espaço urbano (Rhein, 1988).

Decorre desta análise sobre a diversidade demográfica urbana a identificação de constrangimentos ao pleno desenvolvimento social e à correlativa qualidade de vida das populações, quer no que respeita à habitação, aos equipamentos sociais colectivos, aos serviços, à segurança pública, entre muitos outros. Trata-se de uma reflexão que se nos afigura com uma carga sociológica relevante, dado que em primeira mão é matéria que respeita à organização social nos espaços construídos, às maneiras de fazer (re)viver a cidade e aos modos de pensar a sociedade (urbana). Todavia, poucos têm sido os estudos que procuram objectivar a relação entre as estruturas sócio-demográficas e as “qualidades” do espaço construído e vivido (ver, *e.g.*, Valdez, 1993)⁸.

Procuremos um aprofundamento mais esclarecedor do que se passa na cidade de Lisboa quanto a envelhecimento das suas estruturas demográficas (ao nível de freguesia), à relação entre estas e o edificado local, e as respostas dos poderes instituídos e da iniciativa privada à dinâmica demográfica e conseqüente transformação social urbana. A escolha da unidade geográfica *freguesia*, se bem que apresente um valor instrumental elevado para efeito da produção da resenha sócio-demográfica efectuada, não significa que se reconheça à freguesia equivalência a uma área residencial com identidade específica. O mosaico urbano de Lisboa é constituído por áreas sociais, dotadas de uma identidade própria (genericamente alguns bairros e algumas zonas urbanas), que frequentemente o ficcionismo administrativo, herdado de um ordenamento jurídico

territorial madraço à realidade social, abafa ou confunde. Infelizmente, porém, a desagregação estatística abaixo da unidade freguesia é muitas vezes impossível de se obter, como no caso dos “recentes” dados provenientes dos Censos 91.

3. Para uma ecologia social do envelhecimento demográfico em Lisboa

Procedeu-se ao desenvolvimento de uma resenha sócio-demográfica retrospectiva do último período intercensitário (1981 a 1991), e que contemplou três grandes dimensões de análise: a ocupação do território, a habitação e a população. Para cada uma destas dimensões identificaram-se variáveis já contempladas nas estruturas de apuramento efectuadas pelo INE nas suas operações de recenseamento, a partir das quais se construíram os respectivos indicadores: de ocupação do território; de habitabilidade e sócio-demográficos. O Quadro 2 esquematiza o procedimento seguido. Nos Quadros 3 a 7 apresentam-se os resultados obtidos.

Algumas apreciações gerais podem ser feitas. Sem prejuízo de se considerar que nos indicadores considerados o valor médio da Cidade constitui uma abstracção, e apenas identifica, por mera coincidência, uma ou outra freguesia, podem sintetizar-se as principais tendências de transformação sócio-demográfica entre 1981 e 1991, de acordo com os dados apresentados no Quadro seguinte.

Quadro 1: Quadro sinóptico das transformações habitacionais e sócio-demográficas da cidade de Lisboa entre 1981 e 1991

Indicador	Tendência entre 1981 e 1991	Características*	Referência
Dimensão média do edificado	O número médio de alojamentos por edifício mantém-se praticamente constante. Aumenta ligeiramente a variação interfreguesias.	valor mín. = 2 aloj. / edif. valor máx. = 9.2 aloj. / edif. $\mu = 4.5$ aloj. / edif. c.v. (%) = 35.6	Chameca S.D. Benfica
Ocupação média	Diminui o número médio de ocupantes por alojamento. Aumenta a variação interfreguesias.	valor mín. = 1.9 ind. / aloj. valor máx. = 3.5 ind. / aloj. $\mu = 2.4$ aloj. / edif. c.v. (%) = 15.7	Castelo Mártires
Índice de Carência Habitacional	<i>Os valores apenas se referem a 1981.</i> O valor do concelho significa que 41.8% das famílias residentes em Lisboa tinham, pelo menos, uma das carências habitacionais referidas.	valor mín. = 26 valor máx. = 60 $\mu = 41.8$ c.v. (%) = 21.2	S. Franc. Xavier Coração de Jesus

Quadro 1 (Continuação)

Indicador	Tendência entre 1981 e 1991	Características*	Referência
Vetustez do edificado	Diminuição muito ligeira, acompanhada de uma igualmente ligeira diminuição da variação interfreguesias. <i>[A leitura deste índice deve ser completada com os valores que se referem ao "rejuvenescimento do edificado", cfr. Quadro V]</i>	valor mín. = 7 valor máx. = 100 $\mu = 67.5$ c.v. (%) = 44.0	S. João de Brito (ver Quadro V)
Densidade populacional	Decréscimo médio de 54 indivíduos por ha. Diminui a variação interfreguesias.	valor mín. = 37 hab./ha valor máx. = 452 hab./ha $\mu = 141.8$ hab./ha c.v. (%) = 64.2	St.ª M. Belém S. Miguel
Densidade familiar	Decréscimo médio de 18 famílias por ha. Diminui ligeiramente a variação interfreguesias.	valor mín. = 11 hab./ha valor máx. = 203 hab./ha $\mu = 56.1$ fam./ha c.v. (%) = 72.6	Carnide S. Miguel
Volume e distribuição populacional por freguesias	Decréscimo populacional acentuado, bem como da média populacional por freguesia. Aumento da variação interfreguesias.	valor mín. = 579 habitantes valor máx. = 51334 hab. $\mu = 12850$ habitantes c.v. (%) = 94.4	Madalena St.ª M. Olivais
Índice de envelhecimento	Aumento acentuado da % de população idosa e ligeira diminuição da variação interfreguesias.	valor mín. = 7.7 valor máx. = 29.8 $\mu = 21$ c.v. (%) = 25.8	Charneca S. João de Deus
Relação de masculinidade da população idosa	Ligeira recuperação no desequilíbrio entre efectivos masculinos e femininos. Ligeiro aumento da variação interfreguesias, que se mantém elevada.	valor mín. = 36 valor máx. = 77 $\mu = 55.5$ c.v. (%) = 12.7	Mártires S.M. Olivais
% de população muito idosa	Aumento da proporção dos muito idosos (≥ 75 anos) no conjunto da pop. idosa (≥ 65 anos). Aumento sensível da variação interfreguesias, que se mantém muito elevada.	valor mín. = 30.7 valor máx. = 61.3 $\mu = 42.8$ c.v. (%) = 12.3	Ameixoeira Mártires
Balanco demográfico-estrutural	A cidade de Lisboa registou um aumento maior na sua população idosa do que o aumento que se verificou na proporção dos muito idosos, o que permite perspectivar um reforço na % dos muito idosos na próxima década. Variação interfreguesias fortíssima.	valor mín. = -16.6 valor máx. = 10 $\mu = 1.2$ c.v. (%) = 387.4	Ameixoeira S. José

* os valores apresentados referem-se a 1991.

No que concerne aos indicadores considerados, nuns casos regista-se uma tendência para o aumento da diversidade do espaço urbano, noutros para a sua homogeneização. O mosaico urbano lisboeta ganha uma maior diversidade, quer pelo edificado, quer pela ocupação humana, quer ainda

Quadro 2: Resenha sócio-demográfica

DIMENSÕES	VARIÁVEIS	INDICADORES	ANO DE REFERÊNCIA	Unidade espacial de referência
Ocupação do território	Área das Freguesias	→ Densidade populacional	1981;1991	freguesia e concelho
	População Presente Total		1981;1991	
	Número de Edifícios	→ Densidade familiar		
	Número de Famílias			
Habituação	Número de Alojamentos	→ Dimensão média do edificado	1981;1991	freguesia e concelho
	Época de Construção dos Edifícios			
	Número de Alojamentos	→ Ocupação média dos alojamentos	1981;1991	freguesia e concelho
	Carência habitacional (dados de 1981):		1981	
	• famílias residentes em barracas	→ Índice de carência habitacional		freguesia e concelho
	• famílias em aloj. cláss. s/ água e electricidade			
	• famílias em aloj. cláss. superlotados			
	• famílias partilhando a habitação	→ Velustez do edificado	1981;1991	freguesia e concelho
	População	População presente total	→ Variação populac. inter-censitária	1981/1991
População idosa total, masculina				
Pop. idosa masculina (≥ 65 ≤ 69 anos)		→ Índice de envelhecimento da população	1981;1991	freguesia e concelho
Pop. idosa masculina (≥ 70 ≤ 74 anos)				
Pop. idosa masculina (≥ 75 ≤ 79 anos)		→ Relação de masculinidade da população idosa	1981;1991	freguesia e concelho
Pop. idosa masculina (≥ 80 ≤ 84 anos)				
Pop. idosa masculina (≥ 85 anos)		→ % de população idosa	1981;1991	freguesia e concelho
Pop. idosa feminina (≥ 65 ≤ 69 anos)				
Pop. idosa feminina (≥ 70 ≤ 74 anos)		→ % de população muito idosa	1981;1991	freguesia e concelho
Pop. idosa feminina (≥ 75 ≤ 79 anos)				
Pop. idosa feminina (≥ 80 ≤ 84 anos)	Balanco demográfico-estrutural	1981/1991	freguesia e concelho	

operacionalização dos indicadores:

Densidade populacional = população presente por hectare

Densidade familiar = número de famílias por hectare

Dimensão média do edificado = número de alojamentos por edifício

Ocupação média dos alojamentos = número de indivíduos por alojamento

Velustez do edificado = % de edifícios construídos anteriormente a 1945

Índice de carência habitacional = % de famílias com, pelo menos, uma das carências habitacionais referidas, no conjunto das famílias residentes

Índice de envelhecimento da população = % de população idosa no conjunto da população total

Relação de masculinidade da população idosa = relação entre o efectivo masculino e o efectivo feminino

% de população idosa = % de população com idades compreendidas entre os 65 e os 75 anos de idade no conjunto da população com mais de 65 anos

% de população muito idosa = % de população com idade superior ou igual a 75 anos de idade no conjunto da população com mais de 65 anos

Balanco demográfico-estrutural = quociente das variações relativas do Índice de Envelhecimento e da população muito idosa

Quadro 3: Indicadores sócio-demográficos sobre a cidade de Lisboa
Indicadores de ocupação do território

Freguesias de Lisboa	Densidade populac. [1981]	Densidade populac. [1991]	Densidade familiar [1981]	Densidade familiar [1991]	Var. absoluta densidade pop.	Var. absoluta densidade fam.
Ajuda	88	73	30	26	-14	-4
Alcântara	58	43	20	17	-14	-3
Alto do Pina	158	155	57	55	-2	-1
Alvalade	265	197	94	77	-68	-17
Ameixoeira	66	64	21	22	-2	1
Anjos	387	267	155	110	-119	-45
Beato	145	123	50	45	-23	-5
Benfica	66	59	21	21	-7	0
Campo Grande	70	57	20	18	-13	-2
Campolide	96	79	34	29	-17	-5
Carnide	35	39	9	11	3	2
Castelo	196	142	77	63	-54	-14
Charneca	55	55	16	16	0	0
Coração de Jesus	206	117	79	45	-89	-33
Eocarnação	448	213	192	87	-234	-105
Graça	346	266	129	103	-80	-26
Lapa	215	152	80	58	-62	-22
Lumiar	49	58	14	18	9	4
Madalena	90	52	35	17	-38	-19
Mártires	99	61	33	16	-38	-17
Marvila	63	76	18	21	12	3
Mercês	304	201	126	83	-102	-43
Nª Sª de Fátima	146	104	55	39	-42	-16
Penha	230	176	81	64	-54	-17
Penha de França	338	268	133	112	-70	-21
Prazeres	97	73	36	29	-25	-7
Sacramento	268	173	95	67	-95	-28
Sª Catarina	382	252	152	106	-129	-46
Sª Engrácia	169	138	63	54	-31	-9
Sª Isabel	188	151	72	62	-37	-11
Sª Justa	125	78	35	22	-47	-13
Sª Mª de Belém	53	37	17	13	-16	-4
Sª Mª dos Olivais	58	48	15	15	-10	-1
Santiago	310	202	119	78	-108	-40
Sª Condestável	289	218	112	90	-72	-22
Sª Estêvão	246	177	101	77	-69	-24
Santos-o-Velho	166	110	65	43	-57	-22
S. Crist. e S. Lourenço	424	323	167	141	-101	-26
S. Domingos de Benfica	95	83	31	30	-11	-1
S. Francisco Xavier	42	42	13	14	0	1
S. João	159	142	60	57	-17	-3
S. João de Brito	96	77	31	27	-19	-4
S. João de Deus	198	149	77	61	-49	-16
S. Jorge de Arroios	306	211	124	88	-96	-36
S. José	219	151	86	58	-68	-28
S. Mamede	177	123	70	49	-53	-21
S. Miguel	601	452	231	203	-149	-27
S. Nicolau	119	69	42	22	-51	-21
S. Paulo	168	120	65	49	-48	-16
S. Sebastião da Pedreira	128	88	42	28	-40	-14
S. Vicente de Fora	272	179	99	75	-93	-24
Sé	230	144	89	72	-86	-18
Socorro	578	408	233	168	-171	-66
Concelho de Lisboa	99	81	34	29	-17	-5

Quadro 4: Indicadores sócio-demográficos sobre a cidade de Lisboa
Indicadores de habitabilidade

Freguesias de Lisboa	Dimensão média do edificado [1981]	Dimensão média do edificado [1991]	Ocupação média dos alojamentos [1981]	Ocupação média dos alojamentos [1991]	var. ocupação média dos alojamentos (%)
Ajuda	3,3	2,9	3,0	2,5	-16,4
Alcântara	4,9	4,3	3,0	2,2	-24,7
Alto do Pina	7,8	8,1	2,9	2,4	-16,8
Alvalade	8,1	8,7	2,9	2,2	-22,8
Ameixoeira	5,2	4,3	2,9	2,6	-11,9
Anjos	6,0	5,8	3,0	2,2	-27,2
Beato	4,1	3,5	2,9	2,4	-15,4
Benfica	5,5	5,9	3,1	2,5	-20,1
Campo Grande	5,7	7,4	3,6	3,0	-18,3
Campolide	2,9	2,4	2,8	2,4	-14,0
Carnide	2,4	3,0	3,3	2,9	-13,9
Castelo	3,3	3,1	2,5	1,9	-25,8
Charneca	3,6	2,0	3,3	3,1	-6,1
Coração de Jesus	5,5	4,8	3,5	2,4	-31,6
Encarnação	3,5	3,1	3,1	2,0	-35,3
Graça	4,8	4,8	2,9	2,3	-20,3
Lapa	5,4	4,8	3,0	2,1	-27,7
Lumiar	3,9	4,1	3,2	2,6	-20,1
Madalena	3,3	2,5	3,4	3,1	-10,5
Mártires	3,2	3,3	4,2	3,5	-16,1
Marvila	4,5	4,8	3,5	3,3	-5,1
Mercês	4,1	3,7	2,8	2,1	-25,5
N.ª Sr.ª de Fátima	6,7	6,8	3,0	2,2	-26,3
Pena	4,4	4,9	3,3	2,5	-22,4
Penha de França	5,7	5,4	2,8	2,3	-18,2
Prazeres	4,2	3,2	2,8	2,3	-17,7
Sacramento	4,4	3,2	3,4	2,6	-23,2
S.ª Catarina	4,0	3,6	2,9	2,0	-31,2
S.ª Engrácia	4,8	4,6	2,7	2,2	-17,8
S.ª Isabel	4,4	4,1	2,7	2,1	-22,2
S.ª Justa	3,4	3,1	4,1	3,2	-21,7
S.ª M.ª de Belém	2,4	2,3	3,3	2,4	-27,6
S.ª M.ª dos Olivais	5,4	5,4	3,7	3,0	-19,9
Santiago	5,0	4,6	2,8	2,0	-26,9
S.ª Condestável	4,7	3,9	2,7	2,1	-22,6
S.ª Estêvão	4,4	4,2	2,5	1,9	-26,1
Santos-o-Velho	4,4	2,9	2,8	2,0	-29,2
S. Crist. e S. Lourenço	3,9	5,3	2,7	2,1	-23,2
S. Domingos de Benfica	7,2	9,2	3,0	2,3	-22,0
S. Francisco Xavier	3,3	3,3	3,0	2,5	-16,3
S. João	6,0	5,3	2,8	2,3	-15,7
S. João de Brito	5,5	4,9	3,2	2,6	-19,0
S. João de Deus	7,4	7,2	2,8	2,2	-20,3
S. Jorge de Arroios	6,9	6,6	2,9	2,2	-25,1
S. José	3,6	3,7	3,1	2,3	-23,7
S. Mamede	4,2	5,2	2,9	2,2	-23,4
S. Miguel	2,5	3,8	2,6	2,0	-25,9
S. Nicolau	3,1	2,9	3,7	2,9	-21,3
S. Paulo	4,7	4,0	3,1	2,4	-23,6
S. Sebastião da Pedreira	6,4	6,1	3,3	2,7	-18,4
S. Vicente de Fora	5,1	4,3	2,9	2,0	-29,0
Sé	4,2	4,0	3,3	2,3	-32,6
Socorro	4,6	4,4	2,7	2,2	-18,5
Concelho de Lisboa	4,7	4,5	3,0	2,4	-19,7

Quadro 5: Indicadores sócio-demográficos sobre a cidade de Lisboa
Indicadores de habitabilidade

Freguesias de Lisboa	Índice de carência habitacional	Vetustez do edificado [1981]	Vetustez do edificado [1991]	Rejuvenescimento do edificado
Ajuda	40	61	53	7,9
Alcântara	34	66	58	8,1
Alto do Pina	47	71	62	8,9
Alvalade	30	14	16	-1,6
Ameixoeira	32	16	12	4,0
Anjos	47	78	78	-0,8
Beato	38	74	63	10,7
Benfica	31	21	20	0,8
Campo Grande	31	33	43	-10,1
Campolide	41	54	47	7,0
Carnide	28	19	19	0,8
Castelo	38	95	92	3,6
Charneca	56	19	10	9,1
Coração de Jesus	60	72	75	-3,5
Encarnação	59	99	[100]	1,0
Graça	36	83	86	-3,3
Lapa	42	82	74	8,6
Lumiar	45	24	17	7,1
Madalena	54	99	[100]	1,0
Mártires	57	97	[100]	1,0
Márvila	42	50	43	7,3
Mercês	43	93	95	-1,6
Nª Sª de Fátima	48	54	56	-2,3
Penha	46	93	[100]	1,0
Penha de França	42	68	66	1,7
Prazeres	39	83	71	12,3
Sacramento	49	99	87	12,6
Sª Catarina	45	94	89	5,2
Sª Engrácia	33	78	76	1,5
Sª Isabel	40	80	71	9,1
Sª Justa	57	99	[100]	1,0
Sª Mª de Belém	37	50	49	1,7
Sª Mª dos Olivais	27	49	47	1,9
Santiago	37	88	91	-2,7
Sª Condestável	41	79	67	11,8
Sª Estêvão	40	99	98	0,7
Santos-o-Velho	43	95	69	26,6
S. Crist. e S. Lourenço	35	98	[100]	1,0
S. Domingos de Benfica	33	22	25	-3,0
S. Francisco Xavier	26	17	14	2,5
S. João	45	65	54	10,3
S. João de Brito	31	8	7	0,7
S. João de Deus	31	49	51	-1,3
S. Jorge de Arroios	46	69	72	-2,9
S. José	52	94	[100]	1,0
S. Mamede	44	86	[100]	1,0
S. Miguel	40	100	[100]	1,0
S. Nicolau	55	99	[100]	1,0
S. Paulo	48	97	89	8,7
S. Sebastião da Pedreira	37	70	79	1,0
S. Vicente de Fora	35	93	85	7,8
Sé	59	99	102	-2,1
Socorro	46	99	[100]	1,0
Concelho de Lisboa	40	58	54	4,2

Quadro 6: Indicadores sócio-demográficos sobre a cidade de Lisboa
Indicadores demográficos — Variação do volume e da estrutura populacional

Freguesias de Lisboa	Variação pop. inter-censitária	Índice envelhec. [1981]	Índice envelhec. [1991]	Δ [1981 a 1991]	Relação mascul. pop. idosa [1981]	Relação mascul. pop. idosa [1991]
Ajuda	-16,1	13,2	17,2	4,0	55	58
Alcântara	-25,2	15,5	22,8	7,3	54	59
Alto do Pina	-1,3	16,1	17,3	1,2	54	51
Alvalade	-25,8	15,2	27,7	12,5	65	66
Armeixoeira	-3,1	5,1	8,2	3,1	52	68
Anjos	-30,8	20,0	24,9	4,9	47	52
Beato	-15,7	12,8	17,0	4,2	58	60
Benfica	-9,9	7,8	13,4	5,5	52	64
Campo Grande	-18,9	14,6	24,0	9,4	60	62
Campolide	-17,8	15,1	18,2	3,1	55	58
Carnide	9,1	8,5	9,9	1,4	44	60
Castelo	-27,5	19,6	27,7	8,1	49	61
Charneca	-0,1	5,9	7,7	1,8	56	60
Coração de Jesus	-43,2	16,9	21,2	4,3	43	53
Encarnação	-52,4	18,8	26,8	8,1	39	49
Graça	-23,0	18,0	22,6	4,5	50	54
Lapa	-29,1	17,0	23,3	6,3	48	51
Lumiar	18,6	7,2	9,6	2,5	56	66
Madalena	-42,3	19,7	29,2	9,4	40	50
Mártires	-38,3	18,7	21,1	2,4	50	36
Marvila	19,7	7,7	8,3	0,6	50	56
Mercês	-33,8	20,4	25,1	4,7	45	49
N.ª Sr.ª de Fátima	-28,7	16,5	22,8	6,4	49	52
Pena	-23,5	16,6	20,1	3,5	49	51
Penha de França	-20,7	19,0	25,1	6,1	57	57
Prazeres	-25,4	16,8	21,2	4,5	52	60
Sacramento	-35,4	20,4	20,9	0,5	52	48
S.ª Catarina	-33,9	20,5	24,0	3,6	52	51
S.ª Engrácia	18,2	16,4	21,4	5,0	51	56
S.ª Isabel	-19,8	18,1	23,0	4,8	48	53
S.ª Justa	-37,6	16,8	17,5	0,6	52	52
S.ª M.ª de Belém	-29,8	15,0	22,1	7,1	57	60
S.ª M.ª dos Olivais	-16,9	7,5	13,8	6,3	60	77
Suntrago	-34,9	21,2	23,4	2,2	58	52
S.ª Condestável	-24,9	17,0	23,2	6,2	50	58
S.ª Estêvão	-28,1	19,7	25,3	5,7	52	60
Santos-o-Velho	-34,1	19,3	24,5	5,2	47	51
S. Crist. e S. Lourenço	-23,9	18,7	23,2	4,6	51	55
S. Domingos de Benfica	-12,0	9,3	14,1	4,8	55	61
S. Francisco Xavier	-0,8	11,8	14,9	3,1	72	65
S. João	-10,9	16,0	20,3	4,3	52	54
S. João de Brito	-19,5	13,6	24,4	10,8	58	66
S. João de Deus	-24,8	21,4	29,8	8,4	56	56
S. Jorge de Arroios	-31,2	19,2	26,0	6,8	46	55
S. José	-31,1	17,7	22,0	4,4	51	51
S. Mamede	-30,1	20,4	24,9	4,5	44	45
S. Miguel	-24,7	16,3	19,5	3,1	58	56
S. Nicolau	-42,4	18,6	25,7	7,1	43	41
S. Paulo	-28,8	18,6	21,7	3,1	54	51
S. Sebastião da Pedreira	-31,0	17,8	22,4	4,7	45	47
S. Vicente de Fora	-34,3	16,1	23,0	6,9	53	55
Sé	-37,6	19,7	26,1	6,4	46	50
Socorro	-29,5	17,8	22,8	5,0	43	51
Concelho de Lisboa	-17,6	14,0	18,3	4,3	52	58

Quadro 7: Indicadores sócio-demográficos sobre a cidade de Lisboa
Indicadores demográficos — Variação do volume e da estrutura populacional

Freguesias de Lisboa	% pop. idosa [1981]	% pop. m ¹⁰ idosa [1981]	% pop. idosa [1991]	% pop. m ¹⁰ idosa [1991]	Balanco demog.-estrutural
Ajuda	65,3	34,7	61,1	38,9	2,5
Alcântara	64,5	35,5	59,2	40,8	3,2
Alto do Pina	62,4	37,6	55,3	44,7	0,4
Alvalade	66,6	33,4	63,5	36,5	8,9
Ameixoeira	68,2	31,8	69,3	30,7	-16,6
Anjos	60,3	39,7	56,1	43,9	2,3
Beato	69,1	30,9	60,2	39,8	1,1
Benfica	65,0	35,0	66,8	33,2	-13,8
Campo Grande	64,9	35,1	61,5	38,5	6,7
Campolide	63,7	36,3	54,6	45,4	0,8
Carnide	60,0	40,0	61,2	38,8	-5,3
Castelo	62,3	37,7	58,0	42,0	3,6
Charneca	69,5	30,5	66,7	33,3	3,4
Coração de Jesus	59,0	41,0	56,7	43,3	4,7
Encarnação	60,4	39,6	57,0	43,0	5,0
Graça	62,8	37,2	58,1	41,9	2,0
Lapa	62,9	37,1	56,0	44,0	2,0
Lumiar	66,5	33,5	60,3	39,7	1,9
Madalena	59,6	40,4	42,6	57,4	1,1
Mártires	62,9	37,1	38,7	61,3	0,2
Marvila	64,1	35,9	61,9	38,1	1,2
Mercês	61,9	38,1	55,7	44,3	1,4
N ¹⁰ S ¹⁰ de Fátima	59,9	40,1	55,9	44,1	3,9
Penha	63,1	36,9	54,3	45,7	0,9
Penha de França	66,2	33,8	56,1	43,9	1,1
Prazeres	64,4	35,6	55,8	44,2	1,1
Sacramento	60,8	39,2	53,1	46,9	0,1
S ¹⁰ Catarina	63,3	36,7	55,8	44,2	0,9
S ¹⁰ Engrácia	64,5	35,5	57,8	42,2	1,6
S ¹⁰ Isabel	62,2	37,8	59,2	40,8	3,4
S ¹⁰ Justa	64,6	35,4	53,3	46,7	0,1
S ¹⁰ M ¹⁰ de Belém	64,0	36,0	59,4	40,6	3,7
S ¹⁰ M ¹⁰ dos Olivais	65,8	34,2	67,7	32,3	-15,4
Santiago	62,7	37,3	56,3	43,7	0,6
S ¹⁰ Condestável	63,4	36,6	56,8	43,2	2,0
S ¹⁰ Estêvão	66,6	33,4	55,3	44,7	0,8
Santos-o-Velho	61,9	38,1	58,1	41,9	2,7
S. Crist. e S. Lourenço	61,1	38,9	56,7	43,3	2,2
S. Domingos de Benfica	65,5	34,5	60,7	39,3	3,7
S. Francisco Xavier	71,0	29,0	56,5	43,5	0,5
S. João	65,6	34,4	60,2	39,8	1,7
S. João de Brito	66,8	33,2	62,0	38,0	5,4
S. João de Deus	61,1	38,9	56,5	43,5	3,3
S. Jorge de Arroios	61,1	38,9	53,4	46,6	1,8
S. José	58,9	41,1	57,9	42,1	10,0
S. Mamede	58,8	41,2	50,7	49,3	1,1
S. Miguel	64,6	35,4	57,8	42,2	1,0
S. Nicolau	57,3	42,7	47,8	52,2	1,7
S. Paulo	64,9	35,1	52,7	47,3	0,5
S. Sebastião da Pedreira	59,5	40,5	53,7	46,3	1,8
S. Vicente de Fora	64,4	35,6	59,5	40,5	3,1
Sé	63,3	36,7	53,4	46,6	1,2
Socorro	68,5	31,5	56,5	43,5	0,7
Concelho de Lisboa	63,6	36,4	58,9	41,1	2,4

pelas transformações no topo da estrutura demográfica. A diminuição da variação é sensível sobretudo na idade média do edificado e nas densidades populacional e familiar.

Em Lisboa coexistem “cidades” tão distintas como a *cidade jovem* das freguesias mais a Norte (e.g., Charneca, Ameixoeira), oposta à *cidade velha* do casco mais antigo (e.g., Mártires, Castelo). Diferenças acentuadas também na densificação do espaço, em termos físicos e humanos, denotando contrastes absolutos, escalas urbanas inconfundíveis entre si, como S. João de Brito e S. José. Diferenças não menos acentuadas quanto ao fenómeno de envelhecimento da população, como aquelas que resultam da observação da situação demográfica da Charneca e de S. João de Deus.

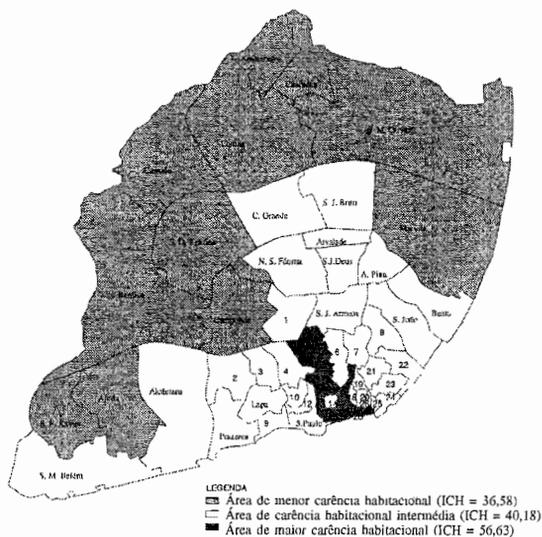
Procurou-se um discernimento das semelhanças e diferenças encontradas entre freguesias quanto às variáveis consideradas pertinentes para a ecologia social do envelhecimento da Cidade: densidade populacional; índice de envelhecimento; % de população muito idosa; balanço demográfico-estrutural e índice de carência habitacional. Recorreu-se, para o efeito, a uma análise de *clusters*⁹. Este procedimento técnico-metodológico decorre da necessidade de procurar uma intelegibilidade para o fenómeno do envelhecimento urbano, físico e demográfico, não esquartejada pela divisão administrativa excessiva. É uma *noesis* que se pretende instrumental para a reflexão sociológica sobre o envelhecimento de Lisboa.

Apuraram-se duas resoluções distintas. Numa primeira, três grandes grupos de freguesias são diferentes entre si no que respeita ao índice de carência habitacional ($p < .05$), mas esta resolução não suporta diferenças significativas quanto aos demais indicadores, particularmente os que se referem à estrutura populacional. O Mapa 1 ilustra o zonamento encontrado. A área menos carenciada é composta pelas freguesias periféricas, de construção mais recente e de melhor qualidade, e a penalização é neste *cluster* sobretudo resultante da existência de elevado número de famílias residentes em barracas. No *cluster* que apresenta maior carência habitacional (grupo de oito freguesias no coração da Cidade), é sobretudo a coabitação familiar a situação mais penalizadora, seguida da superlotação dos alojamentos.

A segunda resolução diz mais directamente respeito ao nosso objecto de descrição social (o envelhecimento populacional), marcando as diferenças significativas entre dois grandes *clusters* (cfr. Mapa 2). Torna-se clara a existência de duas “cidades” com processos distintos de transformação e composição demográficas, e com um tecido habitacional igualmente diferenciado.

É importante ter em consideração que esta identificação sócio-espa- cial, ao recorrer aos indicadores já aludidos anteriormente (e calculados com base em dados de 1991), clarifica o *estado* do envelhecimento urbano em Lisboa. A malha urbana envelhecida (CENTral) estende-se, como uma mancha de óleo, para Norte até às freguesias do Campo Grande e S. João de Brito, e para Oeste até ao limite do concelho (freguesia de Stª Maria de Belém). São zonas que não fazem já parte do casco antigo da Cidade. Este alastramento acompanha o movimento de terciarização de Lisboa e correspondente reestruturação espacial, contrariando em absoluto as orientações de desenvolvimento urbano estratégico enunciadas há um par de anos pelo Município.

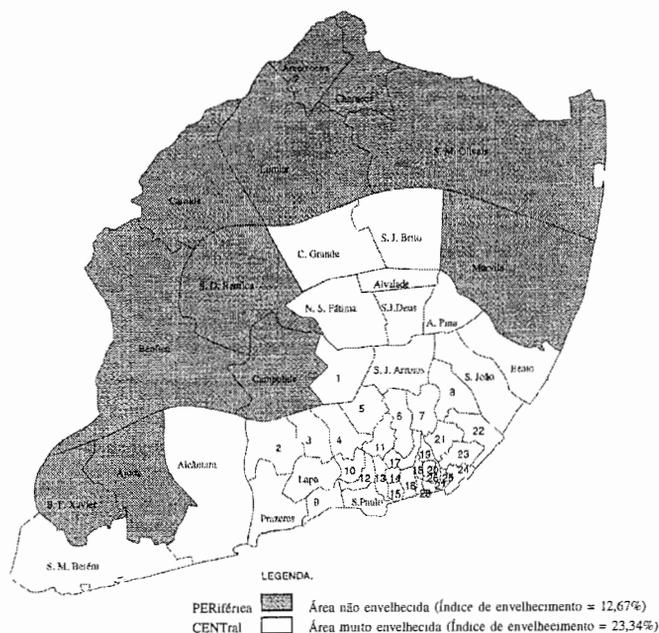
MAPA 1: Grandes zonas homogêneas segundo a carência habitacional



IDENTIFICAÇÃO NOMINAL DAS FREGUESIAS:

- | | | |
|-----------------------------|--------------------------------|------------------------|
| 1. S. Sebastião da Pedreira | 10. Mercês | 19. Socorro |
| 2. Santo Condestável | 11. São José | 20. Castelo |
| 3. Santa Isabel | 12. Santa Catarina | 21. Graça |
| 4. São Mamede | 13. Encarnação | 22. Santa Engrácia |
| 5. Coração de Jesus | 14. Sacramento | 23. S. Vicente de Fora |
| 6. Pena | 15. Mártires | 24. S. Estêvão |
| 7. Anjos | 16. São Nicolau | 25. S. Miguel |
| 8. Penha de França | 17. Santa Justa | 26. Santiago |
| 9. Santos-O-Velho | 18. S. Cristóvão e S. Lourenço | 27. Sé |
| | | 28. Madalena |

MAPA 2: Grandes zonas homogéneas segundo o envelhecimento-tipo



IDENTIFICAÇÃO NOMINAL DAS FREGUESIAS:

- | | | |
|-----------------------------|--------------------------------|------------------------|
| 1. S. Sebastião da Pedreira | 10. Mercês | 19. Socorro |
| 2. Santo Condestável | 11. São José | 20. Castelo |
| 3. Santa Isabel | 12. Santa Catarina | 21. Graça |
| 4. São Mamede | 13. Encarnação | 22. Santa Engrácia |
| 5. Coração de Jesus | 14. Sacramento | 23. S. Vicente de Fora |
| 6. Pena | 15. Mártires | 24. S. Estêvão |
| 7. Anjos | 16. São Nicolau | 25. S. Miguel |
| 8. Penha de França | 17. Santa Justa | 26. Santiago |
| 9. Santos-O-Velho | 18. S. Cristóvão e S. Lourenço | 27. Sé |
| | | 28. Madalena |

Quadro 8: Valores estatísticos médios obtidos para cada um dos *clusters* de envelhecimento-tipo da cidade de Lisboa

Cluster	n	Índice de envelhecimento	% de população muito idosa	Balanco demográfico-estrutural	Densidade populacional	Índice de carência habitacional
PERiférico	12	$\mu= 12.7; \sigma = 3.7$	$\mu= 37.8; \sigma = 4.6$	$\mu= -2.9; \sigma = 7.8$	$\mu= 66.3; \sigma = 23.1$	$\mu= 36.6; \sigma = 8.8$
CENTral	41	$\mu= 23.3; \sigma = 2.9$	$\mu= 44.3; \sigma = 4.4$	$\mu= 2.4; \sigma = 2.3$	$\mu= 176.7; \sigma = 95.3$	$\mu= 43.3; \sigma = 8.4$
<i>t test</i>		$t= 10.6; g.l.= 51$	$t= 4.5; g.l.= 51$	$t= 2.3; g.l.= 12$	$t= 4.3; g.l.= 51$	$t= 2.4; g.l.= 51$
		$p= .000$	$p= .000$	$p\leq .05$	$p\leq .000$	$p\leq .05$

De referir que a resolução agora encontrada em dois grandes *clusters* é diferente daquela que resulta da distribuição das proporções de idosos, expressas em classes de percentagens (ver Cruz e Santos, 1989), como também da que resulta da consideração da dinâmica de (de)crescimento populacional observada a partir das taxas de variação do volume populacional das décadas de 70 e 80 (ver Santos e Cruz, 1990). Ou seja, parece-nos que o processo de envelhecimento demográfico da Cidade, ainda que interrelacionado com o movimento populacional, ganha propriedades próprias, designadamente pela força diferenciadora que já se faz sentir nos indicadores *% de população muito envelhecida* e *balanço demográfico-estrutural*.

Por último, há que referir que a correlação forte encontrada entre *índice de envelhecimento* e *vetustez do edificado* ($r = .77$; $p < .001$) significa que a segregação sócio-habitacional e demográfica não são fenómenos indissociáveis; algo que uma política social para a velhice não poderá escamotear.

4. Problemática social do envelhecimento: contributo sociológico para a acção social

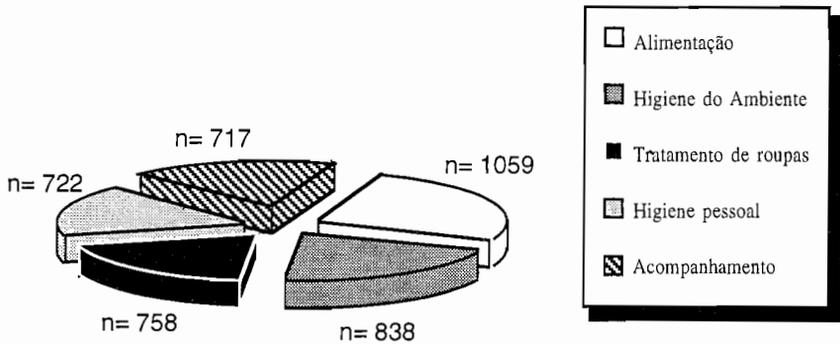
O impacto da mudança sociodemográfica em todos os países desenvolvidos que têm registado um envelhecimento das suas estruturas populacionais não se faz apenas sentir nos centros de decisão financeira e de política social dos governos nacionais. Tem-se vindo a assistir progressivamente ao reforço de importância das questões do envelhecimento no discurso e prática políticas e de gestão das comunidades locais. É assim nas grandes cidades e Lisboa não foge a esta regra. Trata-se de um facto tanto mais compreensível quanto nos lembrarmos que a atitude generalizadamente menos favorável à institucionalização da pessoa idosa, a que o custo económico dessa solução não será alheio, acarreta exigências para as autoridades municipais, entre outras instituições de acção social, em variadíssimos e complexos domínios (*e.g.* alojamento, transportes, educação, lazer, transportes, apoio material e financeiro). Estas exigências são cada vez mais partilhadas pelas diferentes instituições e organizações, mas subsiste uma dificuldade estrutural no que respeita ao que poderíamos definir como a *coordenação da acção gerontológica*. Esta acção pode entender-se a três níveis:

- a que se estabelece entre as entidades públicas e/ou organismos financiadores que partilham os domínios de competência e de responsabilidades;

- a que se estabelece entre os prestadores de serviços locais, procurando-se uma coerência territorial da acção gerontológica, a complementaridade dos serviços e a sua sinergia;
- a que se estabelece entre os prestadores de serviços que se organizam em torno duma determinada pessoa ou comunidade de pessoas idosas.

O interesse crescente por uma acção social de suporte à população idosa em contexto “natural”, i.e., no domicílio, não é acompanhado pelo seu desenvolvimento efectivo, quedando-se por um número de idosos abrangidos ridiculamente baixo — em 1992, a instituição com mais recursos neste domínio, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML), apoiava cerca de 1500 idosos no designado *apoio domiciliário*, mas estimava-se que entre 10000 a 16000 idosos precisam desse apoio urgentemente (cfr. Álvares, 1993) —, e evidenciando uma sobreposição das lógicas de poder institucional sobre o serviço empenhado na resolução dos problemas e necessidades das pessoas (Marinho Antunes, 1993). O espectro dos serviços prestados é também reduzido, denunciando a fragilidade deste tipo de acção social (cfr. Gráfico 9).

Gráfico 9: População idosa de Lisboa abrangida pelo apoio domiciliário da SCML, por serviços prestados



Fonte: dados da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1992, apresentados por Gonçalves Tavares (1993)

Procurou-se apreciar a disponibilidade de equipamentos sociais para idosos existentes na cidade de Lisboa, a nível de freguesia, de iniciativa pública e privada. Os resultados obtidos (cfr. Quadros 8 e 9¹⁰) são esclarecedores acerca da prestação formal de apoio, a qual deverá ser objecto de reflexão à luz de uma sociologia da velhice, nomeadamente

quanto ao valor social que tem sido atribuído a esta acção social, à posição da pessoa idosa na escala dos valores sociais dominantes, e às características do apoio prestado. Uma leitura global permite concluir sobre a predominância ainda existente de equipamentos monovalentes, malgrado a tendência verificada nos últimos anos para a polivalência dos equipamentos de apoio à designada Terceira Idade, designadamente em termos de prestação de serviços de vocação intergeracional. A predominância de equipamentos considerados “leves”, tais como Centros de Convívio e Centros de Dia, define a maioria do apoio a pessoas idosas como auxiliar de uma quotidianidade que, como vimos, é marcada pelo viver só ou acompanhado por outro idoso em *habitat* antigo.

Calcularam-se dois indicadores (*lotação esperada e capitação local*), cujos resultados se apresentam nas duas últimas colunas do Quadro 9. A sua leitura emparelhada permite apreciar o que se poderá entender, numa lógica quantitativa, por défice de equipamentos. No último indicador, valores nulos identificam, por definição, uma carência absoluta. Mas os valores superiores a quarenta, face às características dos equipamentos existentes, são igualmente identificadores de carências acentuadas, situação que se verifica em praticamente todas as freguesias. Naturalmente não foram contabilizados todos os Lares e Residências totalmente claudeslinas e que, na sua maior parte, são apenas do conhecimento de um número muito restrito de pessoas. Todavia, serão, muito provavelmente, a maioria dos equipamentos existentes, o que significa que esta prestação de serviços aos idosos aí residentes é da maior clandestinidade (i.e., provavelmente *substandard* mas seguramente não sujeita a qualquer controlo oficial de qualidade).

Embora possam constituir uma referência, os dados agora apresentados não devem ser interpretados como uma real avaliação das necessidades de equipamentos de apoio à velhice em Lisboa, já que eles partem das disponibilidades existentes face a um quantitativo demográfico definido e não de um diagnóstico das necessidades sociais decorrentes da lógica da população idosa (da procura). Quanto à oferta de serviços, também ela exige uma outra parametrização, que atenda, nomeadamente, ao impacto da transfiguração verificada nas duas últimas décadas de grande parte dos equipamentos hospitalares estatais, caracterizada pela sua desvinculação do compromisso (mais consuetudinário do que instituído) de acolhimento de idosos, e às transformações sócio-demográficas a que já aludimos e que tiveram, como consequência, o reforço da segregação demográfica urbana, fazendo aumentar o número absoluto e a densidade de grupos domésticos idosos em Lisboa. Há, por conseguinte, que perceber o significado da emergência de uma nova construção social da *dependência* da

Quadro 8: Equipamentos sociais para idosos (St.^a Casa da Misericórdia, IPSS e associações de solidariedade social) — Distribuição por freguesia e respectivas valências

Freguesias de Lisboa	Nº de equipamentos				Valências				
	Total	mono	poli	ã ref.	CConvívio	CDia	Apoio Dom.	Lar/Res	Outra
Ajuda	2	1	1	0	2	1	1	0	1
Alcântara	3	2	1	0	2	1	1	0	0
Alto do Pina	2	1	1	0	2	0	1	0	0
Alvalade	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Ameixoeira	1	0	1	0	1	0	1	0	0
Anjos	3	1	2	0	2	2	2	0	1
Beato	3	2	0	1	2	0	0	0	0
Benfica	3	0	3	0	0	2	3	0	1
Campo Grande	5	3	2	0	3	1	2	2	0
Campolide	4	1	1	2	1	1	1	1	1
Carnide	3	1	2	0	1	1	2	1	0
Castelo	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Charneca	1	1	0	0	1	0	0	0	0
Coração de Jesus	1	0	1	0	1	1	0	0	0
Encarnação	2	1	1	0	1	0	1	1	1
Graça	1	1	0	0	1	0	0	0	0
Lapa	3	1	2	0	0	2	1	3	0
Lumiar	6	2	4	0	1	4	3	1	1
Madalena	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mártires	2	1	1	0	1	0	1	1	0
Marvila	7	3	4	0	3	3	4	1	0
Mercês	5	2	3	0	2	3	2	2	0
N.ª Sr.ª de Fátima	3	1	1	1	2	1	1	1	0
Pena	4	2	2	0	1	1	2	1	1
Penha de França	2	1	1	0	0	1	2	1	0
Prazeres	2	1	1	0	1	1	1	0	0
Sacramento	1	1	0	0	1	0	0	0	0
St.ª Catarina	2	0	2	0	0	2	2	0	0
St.ª Engrácia	3	2	1	0	0	2	1	1	0
St.ª Isabel	3	2	1	0	1	0	1	2	0
St.ª Justa	0	0	0	0	0	0	0	0	0
St.ª M.ª de Belém	2	0	2	0	0	1	2	0	1
St.ª M.ª dos Olivais	5	1	4	0	3	4	3	0	0
Santiago	2	0	2	0	2	0	0	0	0
St.ª Condestável	2	1	1	0	0	2	1	0	0
St.ª Estêvão	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Santos-o-Velho	2	1	1	0	0	1	2	0	0
S. Crist. e S. Lourenço	2	1	0	1	0	0	0	1	0
S. Domingos de Benfica	5	2	3	0	1	4	3	0	1
S. Francisco Xavier	1	1	0	0	1	0	0	0	0
S. João	6	5	1	0	1	1	1	3	1
S. João de Brito	3	3	0	0	2	0	0	1	0
S. João de Deus	2	1	1	0	1	1	1	0	0
S. Jorge de Arroios	4	2	2	0	2	2	2	1	0
S. José	2	2	0	0	0	0	1	1	0
S. Mamede	3	2	1	0	1	0	1	2	0
S. Miguel	2	2	0	0	1	0	1	0	0
S. Nicolau	2	2	0	0	2	0	0	0	0
S. Paulo	1	1	0	0	1	0	0	0	0
S. Sebastião da Pedreira	2	1	1	0	1	1	1	0	0
S. Vicente de Fora	2	1	1	0	1	1	1	0	0
Sé	2	1	1	0	0	1	1	1	0
Socorro	2	1	1	0	1	1	1	0	0
Concelho de Lisboa	131	65	61	5	54	50	58	29	10

Nota: Não inclui privados.

Quadro 9: Equipamentos sociais privados (equivalentes a Lares ou Residenciais)

Freguesias de Lisboa	Estabelecimentos com alvará	Lotação	Estabec. c/ proc. de licenc. em curso	Lotação esperada*	Capitação local**
Ajudá					0
Alcântara			3	63	293
Alto do Pina	1	13	6	126	71
Alvalade					0
Ameixoeira					0
Anjos			7	147	100
Beato			2	42	292
Benfica			2	42	520
Campo Grande					320
Campolide	1	12	2	42	229
Carnide					298
Castelo					0
Charneca					0
Coração de Jesus	1	12	2	42	97
Encarnação					182
Graça			1	21	429
Lapa	1	36	4	84	70
Lumiar	1	11			348
Madalena			2	42	24
Mártires					38
Marvila					753
Mercês			4	84	57
N.ª Sr.ª de Fátima	1+1	23+10	5	105	123
Pená					398
Penha de França			1	21	490
Prazeres			4	84	126
Sacramento					0
S.ª Catarina					0
S.ª Engrácia					354
S.ª Isabel	1	12	4	84	63
S.ª Justa					0
S.ª M.ª de Belém	1+1+1	68+36+40	8	168	51
S.ª M.ª dos Olivais	1	11	3	63	286
Santiago			1	21	64
S.ª Condestável	1	15	2	42	367
S.ª Estêvão					0
Santos-o-Velho					0
S. Crist e S. Lourenço			1	21	63
S. Domingos de Benfica	1	10	4	84	198
S. Francisco Xavier	1	23			286
S. João	1	28	1	21	179
S. João de Brito	1	15	5	105	117
S. João de Deus			2	42	436
S. Jorge de Arroios	1	9	6	126	181
S. José			2	42	80
S. Mamede			3	63	90
S. Miguel					0
S. Nicolau					0
S. Paulo					0
S. Sebastião da Pedreira	1	18	3	63	121
S. Vicente de Fora			1	21	255
Sé			2	42	35
Socorro			1	21	219
Concelho de Lisboa	19	392	94	1974	180

Notas:

* Estimou-se a lotação «esperada» a partir da lotação média dos estabelecimentos já com alvará.

** A capitação local equivale à relação entre o número de residentes com ≥ 75 anos pelo total de estabelecimentos (oficiais, c/alvará e em processo de licenciamento). Estimou-se que apenas 50% teria necessidade de um equipamento.

população idosa que não é já exclusivamente alimentada pela equivalência *velhice=pobreza*, mas faz intervir as necessidades sociais de bem-estar e a respectiva satisfação técnica (objectivação tecnocrática) como elementos com um peso específico independente da condição sócio-económica do idoso; com uma lógica própria.

A mediação familiar na gestão das necessidades sociais dos idosos é uma outra dimensão da análise sociológica que importa reter, tanto mais que alguma literatura recente pôs em evidência o pacto de interesses mútuos entre agentes sociais da Terceira Idade e as famílias com idosos, numa lógica que marginaliza o interesse (absoluto) da pessoa idosa (Attias-Donfut, 1992; OCDE, 1992). Mas esta “funcionalidade” não pode ser apenas equacionada tendo em consideração a institucionalização (internamento) dos idosos. Há igualmente importantes relações de complementaridade em meio residencial/familiar cujo valor social urge avaliar.

As transformações sociais evidentes da sociedade portuguesa, designadamente em meio urbano, impõem um novo olhar para a estrutura das relações sociais intergeracionais familiares e institucionais. Numa cidade como Lisboa, porque é sobre ela que agora nos debruçamos, o aumento da população idosa suscita uma curiosidade sociológica que pode, à luz dos desenvolvimentos teóricos da última década, já muito brevemente referidos neste artigo, adjectivar-se diferentemente das abordagens tradicionais. Uma sociologia da velhice apresenta-se como um pré-paradigma interessante para anatomizar a produção social da idade velha, num contexto marcado pela recessão demográfica e por um processo de terciarização do espaço urbano e das suas actividades económicas. Em determinadas áreas urbanas, a importância da vida familiar como elemento estruturador da dinâmica local vem sendo substituída pela importância da actividade económica aí sediada. O despovoamento familiar deixa um “resíduo” equivalente à população com menor mobilidade, a população com mais idade, que assim se vê e vive progressivamente isolada. O apoio social proporcionado pelas famílias não desaparece em consequência, mas pode ficar seriamente afectado, ao ponto de se tornar insuficiente. A participação das instituições de solidariedade formal, com os seus respectivos meios técnicos, constitui já para muitos idosos, a única referência de apoio com que podem contar. Questões sociais complexas se vêm colocando a esta substituição, quer do ponto de vista da satisfação das necessidades sociais de bem-estar desta população, quer do ponto de vista da lógica que lhes assiste. Interrogações sociológicas adensam-se sobre a grande (c)idade.

Notas

- 1 Na armadura de conceitos demográficos, podemos identificar o envelhecimento na base da estrutura populacional, equivalendo à diminuição do número de Jovens. No presente texto, envelhecimento demográfico refere-se apenas ao envelhecimento no topo da estrutura.
- 2 André Babeau (1993) apresentou recentemente uma análise comparativa dos sistemas obrigatórios de protecção à velhice na Europa dos Doze, recorrendo para o efeito ao indicador que traduz o valor da pensão de base expressa em percentagem do salário médio da indústria. Verifica-se que existem três grandes situações-tipo: uma Europa do Norte-Oeste em que o valor da pensão varia entre $1/5$ e $1/3$ do salário bruto médio da indústria (e.g. Dinamarca com 30%); uma Europa do Sul com valores que ultrapassam frequentemente os $3/4$ do salário (e.g. Portugal com 77%); uma Europa do Centro com valores que se compreendem entre os 45% e os 65% (e.g. Bélgica com 47%). Esta análise não nos deverá fazer esquecer diferenças nominais muito acentuadas, nem tão-pouco a importância dos sistemas facultativos e/ou complementares que podem distorcer a posição relativa destes três grandes grupos de sistemas de protecção social à velhice ou alterar o que cada pensão representa em termos de poder de compra.
- 3 A utilização nos Gráficos 2 e 3 do grupo etário ≥ 60 anos deve-se exclusivamente a um imperativo resultante dos critérios de publicação dos dados por parte do INE, sobretudo neste último recenseamento, inviabilizando a utilização da referência etária ≥ 65 anos. Outras dificuldades que resultam da instabilidade dos critérios de categorização das variáveis poderiam ser ainda aludidas, mas não nos parece ser aqui o contexto ideal para aprofundar esta questão, embora o tencionemos fazer oportunamente.
- 4 Dados recolhidos nas Estatísticas de Protecção Social, INE (1992).
- 5 Tem-se vindo a afirmar nas últimas décadas a tradição de eleger um ano ou uma data no calendário anual para fazer repercutir, junto da opinião pública, as questões sociais consideradas relevantes. Depois de 1982, de novo a problemática do envelhecimento foi objecto de eleição em 1993, e de algum modo prolongada com o corrente Ano Internacional da Família.
- 6 Recordamos aqui a iniciativa importante que teve lugar em Abril de 1993, sob os auspícios da Câmara Municipal de Lisboa, e que foram as Jornadas "Lisboa e os Desafios do Envelhecimento".
- 7 Veja-se, neste mesmo número da Revista, o artigo de Luís Vicente Baptista sobre a «Dominação demográfica no contexto do século XX português: Lisboa, a capital», bem elucidativo àcerca da singularidade demográfica de Lisboa, característica herdada secularmente mas que se vê reforçada até aos nossos dias.
- 8 Salvaguarda-se a reflexão sociológica correlativa da que acabamos de enunciar, e que se liga à reflexão sobre a intervenção sociológica no planeamento. [Ver, sobre este mesmo assunto, Vasconcelos e Sá, 1993].
- 9 Utilizou-se o método Ward com valores standardizados, por se entender que as suas características são as que melhor se adequam aos propósitos da constituição de grandes zonas de envelhecimento-tipo em Lisboa. De entre essas características, destacam-se a optimização da variância mínima dentro dos grupos e a tendência para a constituição de grupos de tamanho semelhante.
- 10 Os Quadros foram elaborados a partir da informação gentilmente cedida pela Divisão de Acção Social da Câmara Municipal de Lisboa, à qual cumpre expressar o nosso agradecimento.

Bibliografia citada:

- ÁLVARES, Fernando (1993). "Programa de assistência médica domiciliária da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa", *Jornadas "Lisboa e os Desafios do Envelhecimento"*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 335-343.
- BABEAU, André (1993). "Où vont les régimes obligatoires de protection vieillesse?", *Futuribles*, n° 179, Paris, pp. 3-19.
- BRUTO DA COSTA, Alfredo (1993). "Pobres Idosos", *Estudos Demográficos*, n° 31, Lisboa, INE, pp. 99-105.
- CRUZ, M^a Françoise. SANTOS, Ana (1989). "Lisboa, velha cidade ...", *Sociedade e Território*, n° 10/11, Lisboa, pp. 8-12.
- CUMMING, Elaine, HENRY, William (1961). *Growing Old*. New York, Basic Books
- EISENSTAD, S. N. (1956). *From Generation to Generation - age groups and social structure*, London, Free Press.
- FERREIRA DE ALMEIDA, João., CAPUCHA, Luís, FIRMINO DA COSTA, António, MACHADO, Fernando L., NICOLAU, Isabel, REIS, Elizabeth (1992). *Exclusão Social - factores e tipos de pobreza em Portugal*, Lisboa, Celta Editora.
- GONÇALVES TAVARES, M^a Inês (1993). "Apoio Domiciliário", *Jornadas "Lisboa e os Desafios do Envelhecimento"*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 295-299.
- GUILLEMARD, Anne-Marie (1986). *Le Déclin du Social - formation et crise des politiques de la vieillesse*, Paris, PUF.
- LENOIR, Remi (1989). "Object sociologique et problème social", *Iniciation a la Pratique Sociologique*, Paris, Dunod (Bordas), pp. 53-100.
- MARINHO ANTUNES, Manuel (1993). "O apoio domiciliário. Uma abordagem sociológica", *Jornadas "Lisboa e os Desafios do Envelhecimento"*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 143-150.
- MATIAS FERREIRA, Vítor (1987). "A Cidade de Lisboa, 1850-1980. Para uma abordagem histórica e sócio-urbanística da capital do País", *Povos & Culturas*, n° 2, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, pp. 217-241.
- MOORE, Gary (1986). "The environment in interactional and transactional theories of environment and aging", *Symposium on Conceptualizing the Environment in Aging and Environment Research*, Chicago.
- NAMBOODIRI, Krishnan (1988). "Ecological demography: its place in Sociology", *American Sociological Review*, vol. 53, New York, pp. 619-633.
- NAZARETH, J.Manuel (1993). "O Envelhecimento Demográfico da População Portuguesa no Início dos Anos Noventa", *Economia e Sociedade*, n° 56, Évora, ISESE, pp. 5-25.
- PERISTA, Heloísa (1989). *Idosos Empobrecidos na Cidade de Lisboa*, Lisboa, Centro de Reflexão Cristã.
- PITROU, Agnès (1978). *Vivre sans Famille ? Les solidarités familiales dans le monde d'aujourd'hui*, Toulouse, Privat.
- RHEIN, Catherine (1988). "La ségrégation démographique", *Transformation de la Famille et Habitat*, BONLAVET & MERLIN (eds.), Paris, INED • DREIF • IDEF, pp. 127-148.
- TREAS, Judith, PASSUTH, Patricia (1988). "Age, Aging and the aged - the three sociologies", *The Future of Sociology*, BORGATTA & COOK (eds.), Beverly Hills, Sage, pp. 394-417.
- SANTOS, Ana, CRUZ, M^a Françoise (1990). "Crescimento urbano e dinâmica populacional: análise da cidade de Lisboa a partir dos últimos recenseamentos", *Colóquio Viver (n)a Cidade*, Lisboa, GES/LNEC & CET/ISCTE (orgs.), pp. 353-369.

- SAUVY, Alfred (1976). *Éléments de Démographie*, Paris, PUF.
- VALDEZ, Cândida (1993). "A oferta de espaços verdes e as necessidades da população no concelho de Lisboa", *Estruturas Sociais e Desenvolvimento*. APS (eds.), Volume II, Lisboa, Fragmentos, pp. 710-723.
- VASCONCELOS E SÁ, M^a Teresa (1993). "Ética, Sociologia e Planeamento", *Estruturas Sociais e Desenvolvimento*. APS (eds.), Volume II, Lisboa, Fragmentos, pp. 20-24.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine (1992). "Entre les services urbains et les personnes âgées dépendantes: la médiation familiale", *Vieillir dans la Ville*, Paris, L'Harmattan. pp. 261-270.
- OCDE (1992). *Politiques Urbaines pour les Personnes Agées*. Paris. OCDE.